



CABELO, RESISTÊNCIA E RESSIGNIFICAÇÃO: COMPARAÇÃO ENTRE O CONTO “METAMORFOSE” E O FILME “FELICIDADE POR UM FIO”

DOI: 10.48075/ri.v24i2.29095

Jaqueline Cunha Gonçalves¹
Rubenil da Silva Oliveira²

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo comparar a construção das personagens principais no conto “Metamorfose” (2016), de Cristiane Sobral e no filme Felicidade por um fio produzido por Tracey Bing, Jared Leboff, Marc Platt e Sanaa Lathan. A metodologia do trabalho é qualitativa de natureza bibliográfica, já que busca analisar a construção das personagens negras, a partir do cabelo, no conto e filme selecionados, em que é essencial a leitura de textos que tratem da literatura comparada Carvalhal (2016), Nitrini (2010), Croce (2011) e da opressão social acerca do cabelo crespo Gomes (2002), Ferreira e Pinto (2014). A partir da análise, percebemos que a personagem Socorro presente no conto e Violet apresentada no filme, se aproximam em vários aspectos, principalmente quanto ao tratamento que têm com o cabelo, além disso, concluímos que as personagens Socorro e Violet representam muitas mulheres negras que crescem escutando que seus corpos são inferiores apenas por serem negros e que suas características biológicas devem ser escondidas para que possam se basear no ideal de beleza branca historicamente estabelecido.

Palavras-chave: Cabelo crespo; Mulher negra; Cultura.

HAIR, RESISTANCE AND RESIGNIFICATION: A COMPARISON BETWEEN THE SHORT STORY “METAMORPHOSIS” AND THE MOVIE “HAPPINESS BY A WIRE”

ABSTRACT: This article aims to compare the construction of the main characters in the short story “Metamorfose” (2016), by Cristiane Sobral and in the film “Happiness by a wire” produced by Tracey Bing, Jared Leboff, Marc Platt and Sanaa Lathan. The methodology of the work is qualitative and bibliographical in nature, as it seeks to analyze the construction of black characters, from their hair, in

¹ Graduada em Letras/ Português (UFMA); Mestranda em Letras, área de concentração – Literatura, linha de pesquisa – literatura, cultura e fronteiras do saber. Programa de Pós-graduação em Letras Bacabal (PPGLB), Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Centro de Ciências, Educação e Linguagens (CCEL); Bolsista Capes. E-mail: jaqueline.gc304@gmail.com.

² Doutor em Letras – área de concentração em Estudos Literários (UFPA). Professor Adjunto I de Literaturas de Língua Portuguesa (UFMA). Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal (PPGLB). Líder do Grupo de Pesquisa em Literatura, Negritude e Diversidade (GPELIND). Vice-líder do Grupo de Pesquisa em Literatura, enunciação e cultura (LECULT). E-mail: rubenoliveira50@hotmail.com/ rubenil.oliveira@ufma.br.

the selected short story and film, in which it is essential to read texts dealing with comparative literature Carvalho (2016), Nitrini (1996), Croce (2011) and social oppression about curly hair Gomes (2002), Ferreira e Pinto (2014). From the analysis, we realized that the character Socorro present in the short story and Violet presented in the film, are close in several aspects, especially regarding the treatment they have with their hair. Furthermore, we concluded that the characters Socorro and Violet represent many black women who they grow up hearing that their bodies are inferior just because they are black and that their biological characteristics must be hidden so that they can be based on the historically established ideal of white beauty.

Keywords: Curly hair; Black woman; Culture.

INTRODUÇÃO

A construção da identidade de uma pessoa está condicionada ao ambiente e informações que tem acesso durante sua vida. Nesse sentido, muitas das definições que a pessoa estabelece para si própria pode mudar a partir do momento que esta expande suas vivências e saberes. No processo de construção da identidade de um indivíduo vários fatores sociais podem moldar e definir como uma pessoa se identifica e/ou é identificada. A identidade racial, por exemplo, é definida por meio de uma construção social de poder, capaz de determinar até quais ambientes uma pessoa pode ou não frequentar. Idealizações raciais convencionadas por uma sociedade racista, como a brasileira, determinam que a identidade racial branca se estabeleça na superioridade, enquanto para a população negra, cabe a inferioridade (MOREIRA, 2019).

As dificuldades em criar sua própria identidade enquanto ser social rodeiam a pessoa afrodescendente, que se inserida numa sociedade a qual a obriga a negar suas características fenotípicas, além de não conseguir se desprender do ideal branco e da noção da estética negra como indesejada e inferior. Por sua vez, a população negra luta contra essa discriminação racial e busca transformar em positiva a visão sobre si própria, historicamente estabelecida como negativa. Esse posicionamento acontece normalmente quando o indivíduo afrodescendente passa por um momento marcante, como “[...] entrar em contato com sua ancestralidade, estudar a verdadeira história do povo negro, vivenciar uma situação de discriminação racial para, finalmente, obter um posicionamento crítico e consciente acerca dessa questão” (FERREIRA; PINTO, 2014, p. 263).

Na literatura, a discriminação apontada nos parágrafos anteriores também pode ser representada, embora por muito tempo o negro fosse apenas um objeto dependente das vontades de um sujeito branco e que se moldava aos valores europeus. Como destacado no

parágrafo anterior, autores pertencentes à raça negra lutam contra os princípios de beleza impostos ao seu grupo étnico-racial. No que se refere à escrita como forma de negação da ditadura da estética branca, Cristiane Sobral, escritora brasileira, faz parte de uma nova geração de escritoras afro-femininas que emprega em suas obras temas como sexualidade, racismo, identidade feminina, construção da identidade negra, ressignificação da beleza negra e identidade negra a partir do corpo.

Por meio dessa introdução, destacamos que o corpus dessa pesquisa é o conto “Metamorfose” de Cristiane Sobral e o Filme Felicidade por um fio. Assim, objetivou-se comparar a construção das personagens principais do conto “Metamorfose” (2016), de Cristiane Sobral e do filme Felicidade por um fio, produzido por Tracey Bing, Jared Leboff, Marc Platt e Sanaa Lathan. Também se quis identificar elementos e discursos de resistência, ressignificação e poder na construção do cabelo afro das personagens de Sobral e Bing, Leboff, Platt e Lathan; traçar o perfil das personagens femininas, a partir do cabelo, enquanto elemento de resistência e ressignificação no conto “Metamorfose” e no filme Felicidade por um fio e apresentar semelhanças ou diferenças quanto aos posicionamentos sociais das protagonistas presentes no conto e filme selecionados como corpus da pesquisa.

Em relação à metodologia do trabalho, destacamos que se seguiu a abordagem qualitativa e quanto ao procedimento foi empregada pesquisa do tipo bibliográfica. Nela se buscou analisar a construção das personagens negras a partir do cabelo no conto e filme selecionados. Para isso, foi essencial a leitura de textos que tratassem da Literatura comparada – Carvalhal (2016); Nitrini (1996), Croce (2011) e da opressão social acerca do cabelo crespo, Gomes (2002), Ferreira e Pinto (2014).

Dos objetos de análises serão extraídos trechos que demonstram a trajetória e os posicionamentos das personagens negras frente às adversidades na construção de suas identidades, a partir de suas características biológicas/fenotípicas, ou melhor, a partir da negritude. Assim, esses trechos foram correlacionados ao referencial teórico para a construção da análise da pesquisa.

REFERENCIAL TEÓRICO

A arte é conhecida da humanidade desde os primórdios. Expressar-se sempre foi uma necessidade e continua sendo. Ao regressar ao início da caminhada humana percebeu-se a manifestação artística sendo desenhada pelas paredes das cavernas. O homem, com o que

[Ideação. Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde. v. 24, n°2, 2022. e-ISSN: 1982-3010.](#)

possuía, desenhava a si mesmo e aos outros. Seu mundo não se limitava à caverna, mas sua arte sim. Foi nas paredes que aconteceram as primeiras e mais criativas manifestações artísticas. As linhas pretas não formavam apenas flechas, homens, animais, mas toda uma trajetória de lutas e vitórias travadas, por vezes, no silêncio das paredes escuras.

Com o tempo as linhas pretas e avermelhadas deram lugar a outras produções artísticas tais como a escultura, a pintura e a literatura. Na Antiguidade, segundo Duarte (apud JUNIOR, 2009), já havia a aproximação de diferentes áreas artísticas. Da relação entre as formas artísticas e literárias menciona-se:

No campo das artes plásticas gregas, por exemplo, são inúmeras as obras inspiradas em passagens da *Ilíada* ou da *Odisséia*, fato que reforça a incontestável vinculação do texto homérico à história e cultura da época. Da mesma forma, o teatro de Sófocles ou de Eurípedes, cuja representação se fazia tendo em vista os grandes espaços e as platéias numerosas, atesta, já naquela época, não só a existência, mas o nível de excelência artística da tradução intersemiótica então praticada: o texto dramático transformado em teatro propriamente dito, a partir da fusão com os elementos picturais – cenários, figurinos, máscaras – gestuais e musicais, aos quais se acrescentavam as entonações diversas do coro e outros recursos não-verbais, propiciando o diálogo entre os códigos (DUARTE APUD JUNIOR, 2009, p. 105).

Sendo assim, percebe-se que a literatura, como afirma Junior (2009), influenciava outras artes. Posteriormente, com o Renascimento e o Humanismo, a pintura também ganhou forma e passou a “figurar no rol de Belas-Artes” (JUNIOR, 2009, p. 106). Ainda segundo o autor, atualmente, as mais diversas artes regressaram para si mesmas à procura de novas metodologias e técnicas, em busca de um novo conhecimento de si. Entretanto, ainda há nas manifestações artísticas a relação com a literatura. A exemplo, temos o cinema que tem variadas produções cinematográficas inspiradas em obras literárias.

Segundo Sotta (2015, p. 156) ambas as produções, literária e cinematográfica, possuem um elemento em comum, a estrutura narrativa, pois em ambas as artes são apresentadas no decorrer do enredo, personagens em um determinado tempo e espaço. Todavia, apesar dos elementos narrativos comuns a ambas produções artísticas, deve-se frisar que elas são autônomas, isto é, têm suas próprias regras de produção e recepção. A literatura é a: “[...] arte que utiliza a palavra como matéria-prima para compor um espaço, descrever um tempo, criar personagens, dar voz a uma entidade capaz de contar uma história, projetar imagens, transfigurar o mundo que nos cerca” (SOTTA, 2015, p. 156). Assim, constata-se que a literatura é a palavra em si, a qual busca descrever personagens, tempo, espaço. Já o cinema “é, por excelência, a arte da imagem em movimento” (SOTTA, 2015, p. 156).

Nesse sentido, Curado (2008, p. 02) explica que apesar da inspiração literária, os diretores costumam seguir seus objetivos, suas crenças e sua própria estilística. Neste sentido, os diretores procuram aproximar e ao mesmo tempo traduzir, corresponder, dialogar, adaptar a obra literária à produção cinematográfica, assim, constata-se a probabilidade de junção de uma obra com a outra e sem desconsiderar seu objetivo final de produção cinematográfica. Sendo assim, percebeu-se que a literatura é objeto de inspiração de muitas produções cinematográficas. O texto literário, com suas peculiaridades, adentra o universo do cinema e a partir daí ocorrem adaptações. Por sua vez, no ambiente acadêmico, a aproximação e o estudo entre artes acontecem principalmente através da literatura comparada, já que esta consegue aproximar a literatura com as mais diversas manifestações artísticas.

A literatura comparada segundo Joseph Texte (2011), estabelece a relação de uma literatura com outra literatura, estabelecendo aproximações entre diversas literaturas. Já para Nitrini (2010), a literatura comparada surge a partir da própria literatura. No momento em que surgem duas literaturas, como a romana e a grega, o hábito de comparação entre elas já acontece, assim, as qualidades de uma serão definidas em detrimento da outra. A princípio, a referida prática acontecia de forma informal, sem método, era apenas um mero ato cotidiano de comparação, com o passar dos anos é que essa técnica começou a ganhar força, até que no século XIX se tornou disciplina acadêmica em terrenos europeus.

De acordo com Carvalho (2006) o termo “comparado” - derivado do latim *comparativus*, existe desde a Idade Média, porém é somente:

[...] no século XIX que a difusão do termo realmente se dará, sob a inspiração das Lições de anatomia comparada, de Cuvier (1800), da História comparada dos sistemas de filosofia, de Degérand (1804), e da Fisiologia comparada (1833), de Blainville (*ibidem*, p. 9).

É neste período que a expressão literatura comparada se expandiu e passou a ter visibilidade na França, primeiro país a instituir uma cátedra de literatura comparada em 1887.

No início do século XX, quando os literatos achavam que já tinham domínio sobre o método e área de atuação dessa teoria, Benedetto Croce lançou a seguinte indagação: “o que é literatura comparada?”. Esse questionamento ainda dura por todo o século, sendo também comum questões que problematizam e questionam o método de atuação dessa corrente teórica, conforme percebido em:

O debate sobre a especificidade do objeto e método da literatura comparada atravessa o século XX, sem que se chegue a um desfecho consensual. No final
[Ideação. Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde. v. 24, n°2, 2022. e-ISSN: 1982-3010.](#)

deste século, críticos e teóricos continuam interrogando-se sobre questões que já eram colocadas, há mais de cem anos, e que constituem o miolo de uma discussão ininterrupta: qual é o objeto da literatura comparada? A comparação pode ser objeto de uma disciplina? Se literaturas específicas têm seu cânon, o que seria um cânon comparativo? Como o comparatista seleciona o objeto da comparação? A literatura comparada constitui uma disciplina? Ou é um simples campo de estudos? (NITRINI, 2010, p. 23).

Assim, Benedetto Croce (2011) ao manifestar tal indagação, não apresenta uma resposta clara, mas refuta a definição usual de que a literatura comparada, enquanto forma de pesquisa, utiliza como método a comparação, pois o método comparativo sozinho não consegue corroborar uma determinada pesquisa. Carvalho (2006) apoia este pensamento, explicando que mesmo a comparação sendo método essencial no trabalho do comparatista, ela não pode ser considerada o único meio de produção de um determinado estudo. Assim,

[...] a literatura comparada compara não pelo procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe. Em síntese, a comparação, mesmo nos estudos comparados, é um meio, não um fim (CARVALHAL, 2006, p.8).

A autora ressalta ainda que o conceito de LC como sendo somente um método comparativo pode ter surgido do ecletismo metodológico utilizado por alguns pesquisadores. Quanto a isso, Marius-François Guyard (2011) pontua que o comparatista está em fronteiras nacionais ou linguísticas e que precisa se atentar às mudanças de indagações, ações, livros etc., que estão em uso e que podem aproximar duas ou mais literaturas, sendo assim, o método utilizado deve ser adaptado consoante a variedade das pesquisas realizadas.

O autor, no intuito de demonstrar como um comparatista deve executar seu trabalho de pesquisa, estabelece quatro etapas fundamentais a serem adotadas, são elas:

a) O comparatista deve ter, portanto, uma cultura histórica suficiente para recolocar no seu contexto geral os fatos literários que ele examina. [...] b) Mas, o comparatista é o historiador das relações literárias. Logo, deve estar a par, tanto quanto possível, das literaturas de diversos países: necessidade evidente. c) Ele deve ser capaz de as ler na sua língua original? A questão se coloca não só por causa do grande número de línguas e limites das forças humanas, mas sobretudo porque, muitas vezes, as obras estrangeiras foram conhecidas e lidas, mesmo pelos escritores profissionais, apenas em tradução. [...] d) Ele deve enfim saber onde encontrar os primeiros dados, como constituir a bibliografia de um assunto (GUYARD, 2011, p.108-109).

Mesmo diante de incertezas e complexo consenso em relação ao objeto e metodologia da LC, Guyard apresenta a maneira como desenvolver uma pesquisa possuindo como base a teoria em questão. Já Sandra Nitrini (2010) estabelece que a literatura comparada, enquanto

disciplina independente, apodera-se de seu próprio objeto de métodos de pesquisa, sendo este objeto “[...] o estudo das diversas literaturas nas suas relações entre si, isto é, em que medida umas estão ligadas às outras na inspiração, no conteúdo, na forma, no estilo” (p. 24).

É importante destacar que nem sempre foi assim. Houve uma época que o comparatista escolhia se seguiria o método da escola americana ou francesa, como pontuado em:

A denominação "escolas" começou justamente a ser empregada quando René Wellek se opôs ao historicismo dominante nos estudos comparados dos mestres franceses, sugerindo uma cisão entre a suposta "escola" francesa e outra, norte-americana. O emprego do termo, portanto, sugere a formação de dois blocos radicalmente diferentes (CARVALHAL, 2006, p. 15).

Wellek criticava o método francês. O escritor apresenta novas maneiras de efetuar um estudo comparatista. Segundo Nitrini (2010) o crítico não concordava com a ideia de a literatura comparada ter definido de forma artificial seu objeto, concentrando uma grande massa de paralelismos, identidades e similaridades as quais não possuem nenhuma contribuição para a teoria literária de forma geral. Além de considerá-la ser um atraso na sua metodologia, pois os franceses aceitavam somente os estudos comparativos entre literaturas, ao passo que os americanos concordavam com comparações da literatura com outras artes e outras áreas do saber.

Ademais, a literatura comparada estuda a literatura além dos limites de um país, estuda as relações entre diferentes literaturas e outras áreas de estudo e crença como as artes (arquitetura, pintura, música, escultura), história, religião, filosofia, religião, ciências sociais etc. Em síntese, é o trabalho comparativo de uma determinada literatura com outra(s) literatura(s) e da literatura com outras áreas de expressões humanas (NITRINI, 2010). Assim, constatou-se que, entre as mais diversas relações entre produções artísticas através da LC, encontra-se a produção cinematográfica. O cinema, muitas vezes, apresenta em suas telas temas que são recorrentes em estruturas literárias, a partir de especificidades próprias da arte cinematográfica e é a partir disso que a literatura comparada consegue aproximar texto de imagem, literatura e cinema.

Nesse contexto, encontramos não raramente, assuntos como, por exemplo, a construção da identidade da mulher negra, assim como, as dificuldades sofridas por ela nesse processo, são percebidos em artes como literatura e o cinema. Por outro lado, a construção da identidade de uma pessoa negra está condicionada a ter sempre que superar estigmas que

a define como inferior, incapaz e submissa. O racismo é o grande responsável por todos estes estereótipos que perseguem a pessoa negra.

De acordo com Nilma Gomes (2003) a identidade da população negra é um conjunto de construções sociais, históricas e culturais as quais determinam como pessoas de um mesmo grupo étnico-racial olham para si próprios, a partir das suas relações interpessoais. Para ela, a partir do momento que uma pessoa se identifica como negra está se contrapondo ao ideal branco historicamente estabelecido e também, entendendo que é necessária uma negociação entre as diferenças dos grupos raciais em questão, uma vez que essas diferenças são indispensáveis no processo de construção de identidade de um determinado grupo étnicorracial, principalmente, do negro. Mas essa construção de identidade negra ainda gera discussão entre as próprias pessoas que se definem como pertencentes a esse grupo, pois:

Muitas vezes, o caminho que se percorre na busca dessa identificação é marcado por inúmeras contradições e opressões sofridas internamente pelo indivíduo, que acaba por se impor uma regra básica – a negação de si próprio, de sua cor e, por conseguinte das suas características fenotípicas. Ou seja, o negro nasce e sobrevive imerso numa ideologia de que o branco é o ideal a ser atingido e endossa a luta para realizar esse modelo (FERREIRA; PINTO, 2014, p. 262).

Mediante a informação acima, a população negra notando a carga negativa despejada contra seu grupo, buscou construir uma identidade coletiva baseando-se na sua negritude. O cabelo afro em sua estética natural, por exemplo, tornou-se um elemento significativo da identidade negra.

Em torno da manipulação do cabelo, existe uma vasta história cheia de significações. Nessa linha, percebe-se que o cabelo é, ao longo dos séculos, um elemento visível de caráter identitário, sendo visto como símbolo marcante na hierarquia, na relação de poder de diferentes povos. No homem, era a expressão da força, na mulher, expressão da fertilidade (FELIX, 2010, p. 05).

Por isso, para a população afrodescendente, usar o cabelo natural tornou-se sinônimo de valorização da negritude, da sua cultura e ancestralidade. Deixar de lado procedimentos químicos que visam mudar a fibra capilar é além de tudo, uma recusa aos padrões de estética branca e o meio encontrado para evidenciar a luta por direitos sociais. Mas a compreensão de valorização pessoal acontece por meio de um processo difícil de autoaceitação, já que o cabelo crespo é constantemente associado a termos pejorativos que segundo Gomes (2003) são capazes de criar na pessoa ofendida, insatisfação com a própria imagem, negação do cabelo,

sensação de inferioridade e de baixa autoestima. Por conta disso, muitas mulheres negras optam por mudar a fibra capilar através de procedimentos químicos os quais aproximam o cabelo crespo do cabelo liso.

Outro fato que talvez justifique essa escolha por procedimentos químicos, seja as lembranças da infância marcadas por constantes puxões de cabelo para mantê-lo “baixo”, próximo ao couro capilar:

As experiências do negro em relação ao cabelo começam muito cedo. Mas engana-se quem pensa que tal processo inicia-se com o uso de produtos químicos ou com o alisamento do cabelo com pente ou ferro quente. As meninas negras, durante a infância, são submetidas a verdadeiros rituais de manipulação do cabelo, realizados pela mãe, tia, irmã mais velha ou pelo adulto mais próximo. As tranças são as primeiras técnicas utilizadas. Porém, nem sempre elas são eleitas pela então criança negra – hoje, uma mulher adulta – como o penteado preferido da infância (GOMES, 2002, p. 43).

Essas técnicas de manipulação do cabelo visam esconder o racismo que vai da pele ao cabelo da mulher afrodescendente. Entretanto, movimentos antirracistas, estabelecidos a partir da necessidade de uma identidade baseada na negritude, lutam contra essa forma de opressão, é nesse cenário que “[...] o cabelo e a cor da pele podem sair do lugar da inferioridade e ocupar o lugar da beleza negra, assumindo uma significação política” (GOMES, 2002, p. 49).

Um olhar desprezado de termos pejorativos e que tenha como objetivo a ressignificação da beleza negra concede à mulher negra segurança quanto ao seu cabelo, por isso:

Depois de adultas, muitas mulheres negras reconciliam-se com as tranças. Agora, porém, elas apresentam-se estilizadas, desde as chamadas tranças africanas ou agarradinhas, que formam desenhos engenhosos no couro cabeludo, até as jamaicanas, de diferentes comprimentos. Esses penteados são também usados pelos homens, porém com menor frequência (GOMES, 2002, p. 44).

Normalmente, essa ressignificação do cabelo crespo acontece em ambientes familiares que os membros fazem parte da militância antirracista e que prezam pela preservação da ancestralidade africana. A autovalorização transcende o indivíduo e revaloriza também, o grupo etnicorracial a que pertence, a ponto de recriar uma ancestralidade africana nos afrobrasileiros (GOMES, 2003). Então, o cabelo crespo que, a princípio, era escondido pela mulher negra, por medo das discriminações, passou por uma ressignificação, tornou-se uma parte do corpo que integra a identidade da mulher negra.

ANÁLISE DOS DADOS

Para o início, é preciso destacar que esta análise foi baseada nos referenciais teóricos destacados na seção anterior e como tratava de uma aproximação, uma comparação entre duas artes, primeiramente foram observadas questões gerais tanto de uma quanto de outra (conto-filme). Depois aconteceu a comparação, já que a teoria da literatura comparada explica que todas as questões presentes nas obras devem ser analisadas.

Partindo para a análise propriamente dita, apresentamos inicialmente o conto “Metamorfose³” de Cristiane Sobral, publicado no livro *O tapete voador* (2016), que apresenta uma mulher chamada Socorro que não se aceitava como negra e lutava incessantemente para esconder suas características biológicas, pois para ela são inferiores. Ela negava seu cabelo crespo e concordava com a afirmação de que “com uma ajeitada caprichada no ‘bombril’ ninguém poderia dizer que Socorro tinha sangue negro” (SOBRAL, 2016, p. 89). Para confirmar essa tese, ela sempre alisava o cabelo para que se aproximasse ao máximo das características de uma mulher branca.

A protagonista afirmava a perfeição a Deus, o qual na cultura cristã, é colocado como perfeito, pelo viés do ideal branco. Ela entendia que se Deus é branco e perfeito, seu marido devia ser branco, assim, seria perfeito e supriria sua expectativa de conquistar um príncipe. O que se notou é que para Socorro, ser uma cristã de verdade é se espelhar na aparência de seu Deus, ou seja, ela devia lutar para ser branca, encontrar um marido branco para consequentemente ter filhos brancos e perfeitos, uma vez que se pareceriam com Deus e com as pessoas que socialmente eram bem vistas. Esse comportamento de Socorro remete para o que diz Jacques d’ Adesky (2009, p. 68), a mulher negra, devido a opressões raciais, procura se envolver com homens mais claros que ela, pois provavelmente seus filhos serão como o pai e não sofrerão com o racismo. Nesta perspectiva, o maior desafio de Socorro era embranquecer a si própria. Para isso, revivia diariamente uma série de rituais para que as pessoas que lhe olhassem, vissem uma mulher de pele branca e com todas as características biológicas estabelecidas socialmente como belas.

Comia pouco para não engordar e realçar as nádegas e coxas protuberantes e evitava rodas de samba e cerimônias religiosas afro-brasileiras. Andar vestida toda de branco ou de vermelho nem pensar. Falava baixo, gesticulava

³ Conto disponível em: SOBRAL, Cristiane. **O tapete voador**. Rio de Janeiro: Malê, 2016. p. 89-93.

Ideação. Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde. v. 24, n°2, 2022. e-ISSN: 1982-3010.

com moderação e preferia ser discreta. Ao sorrir espontaneamente, mesmo entre amigos, evitavam mostrar com exagero a sua arcada dentária. Tinha tudo a ver com o seu sonho de deixar de ser uma mancha preta perante a sociedade e tornar-se elegante, transparente e invisível, é "claro" (SOBRAL, 2016, p. 90).

Nesse sentido, a construção da identidade de Socorro firmava-se na negação de suas raízes estéticas. O comportamento da protagonista remete-nos ao que diz Ferreira e Pinto (2014), a pessoa negra por ser oprimida e inferiorizada, busca incessantemente alcançar o modelo ideológico e estético do ideal de beleza branca, nem que para isso seja necessário negar a si própria.

Ao passo que Socorro seguia rigorosamente os mandamentos de sua religião, seguia também os mandamentos sociais que lhe tornariam uma mulher branca e recatada. Mas nesse processo, ela passou por uma situação inesperada ao se produzir a "caráter branco" para ir a uma festa. Seu carro, que para fazer jus ao que defende, também era branco, foi fechado por um ônibus que conseqüentemente a impossibilitou de continuar sua trajetória até o local da festa:

De repente, enquanto dirigia o seu carro branco ouvindo música clássica, Socorro foi brutalmente fechada no trânsito por um ônibus ponto subitamente, resolveu falar.

Desafiou a crença de que mulheres não devem falar demais porque afinal de contas *não pensam, sempre muito ocupadas com os cabelos e outras futilidades*, no intuito de agradar muito mais as outras mulheres do que aos homens (SOBRAL, 2016, p. 90-91).

O ato de falar quando algum fato a incomodava era desconhecido para ela, pois estava acostumada a ser sempre passiva e se mostrar uma mulher calma, já que é assim que uma mulher branca devia se comportar. Nessa situação, Socorro fez algo inesperado, saiu do carro na chuva, molhando seu cabelo e foi exigir seus direitos ao motorista. Quando ela chegou ao ônibus foi surpreendida pela reação grosseira do motorista também negro e disse-lhe: "Fala negrona! Fez a progressiva né? Cuidado com essa escova progressiva, isso é a maior regressão na vida de um ser humano!" (SOBRAL, 2016, p. 92). Essas palavras mexeram com a protagonista. Além disso, a reação das pessoas dentro do ônibus ao verem a discussão entre ela e o motorista, causaram nela uma sensação desconhecida, Socorro ficou em estado de transe:

Os passageiros assistiam a tudo e reagiram das formas mais distintas. Uns apoiavam, outros nem queriam saber, alguns queriam chamar a polícia, outros aproveitavam para roubar, fazer propaganda, ler a bíblia em voz alta

anunciando o fim dos tempos, comentar sobre a vida das celebridades, entre outras ações cotidianas. A cena mais interessante mostrava o espanto de Socorro, chorando baixinho, completamente chocada e assustada. Ela tentava disfarçar e ajeitar o cabelo encharcado sem conseguir, e então ficava cada vez mais nervosa. De repente, num momento rápido e impulsivo, ela virou de costas e meter a mão na bolsa. Os passageiros gritaram em coro: - É uma arma! (SOBRAL, 2016, p.92).

Ela tirou da bolsa uma tesoura e começou a cortar o cabelo. Socorro, mesmo sem planejar, mudou a partir daquele momento toda a visão que tinha de si. Seu cabelo até então era uma das formas de maquiagem uma branquitude que ela queria a todo custo. Alisava sempre o cabelo para não remeter ao negro, então, aquele ato representou uma ressignificação de tudo o que defendia, agora, sua identidade seria baseada na sua negritude, nas suas próprias características biológicas. Não iria mais basear sua vida na “regressão”, como dissera o motorista do ônibus.

Esse estado de transe de Socorro provocou o renascimento de seus conceitos de vida:

Socorro ficou paralisada. Sentiu a dor indescritível do seu nascimento, viveu o seu mistério profundo. Extasiada, voltou para o carro e buzinou a fim de oferecer carona ao motorista, que desceu do ônibus e deixou os passageiros atônitos. Os dois beijaram-se como num apaixonado beijo de cinema (SOBRAL, 2016, p. 93).

Ela sempre sonhou em arrumar um marido branco para que fosse vista como branca e que seus filhos fossem tão brancos como o pai. Assim, beijar o motorista foi uma virada de chave, ela jamais imaginara isso, mas a partir do momento que se aproximou de suas origens raciais, a valorização de sua negritude surgiu de forma repentina a ponto de querer está perto de um homem negro e beijá-lo em público. Fato que remete a uma estratégia da autora ao recuperar a ideia posta por Duarte (2008) de que para conceituar a literatura afro-brasileira precisa-se pensar alguns elementos como autoria, temática, ponto de vista, linguagem e público.

Já o filme *Felicidade por um fio*⁴, produzido por Tracey Bing, Jared Leboff, Marc Platt e Sanaa Lathan, dirigido por Haifaa Al-Mansour, apresentou uma mulher negra chamada Violet que era bem sucedida profissionalmente, mas que viveu o drama de tentar esconder suas características biológicas. O filme apresenta a protagonista sendo desde criança embranquecida pela mãe, em que seus comportamentos deviam ser sempre pensados para

⁴ Filme disponível em: <https://www.netflix.com/watch/80189630?tctx=2%2C1%2C%2C%2C%2C>.

que não chamasse a atenção. Seu cabelo era moldado pela mãe para remeter ao cabelo liso, pois esse era o cabelo socialmente bonito:



Fonte: Compilação da autora⁵

A atitude da mãe nos remete ao que diz Gomes (2002, p. 43), “as experiências de repressão capilar para a pessoa negra, começam desde a infância, inicialmente com técnicas de amarração que baixam o volume do cabelo e logo que possível, com ferro quente ou do alisamento químico que mudam a fibra do cabelo”.

Violet cresceu num ambiente que lhe colocava como uma pessoa com defeitos, ou seja, suas características biológicas deviam ser escondidas, ela devia mudar, por exemplo, a fibra do seu cabelo para ser vista como uma criança bonita e comportada e logo depois, uma mulher “normal” como todas as outras.

Mesmo que ela não entendesse as imposições que sua mãe colocava sobre seus comportamentos, Violet tinha que seguir rigorosamente tais mandamentos, não podia correr, brincar com as demais crianças do clube que frequentava e muito menos banhar na piscina. Todos esses princípios foram internalizados em Violet, ela cresceu e continuou como sua mãe lhe criou, tomava todos os cuidados para aparentar ser uma mulher calma, bem sucedida, com comportamentos recatados e tendo que está sempre perfeita, mesmo quando acordava. Nada poderia estragar sua perfeição, por isso estava sempre atenta à previsão do tempo para não correr o risco de pegar chuva e desembranquecer seu cabelo.

Por estar sempre atenta a tudo que pudesse comprometer sua imagem, Violet não aceitava que algum imprevisto acontecesse, então, quando seu cabelo foi molhado por crianças na rua, ela entrou em desespero e como não conseguiu contactar a mãe que era

⁵ Montagem a partir de capturas de tela de “Felicidade por um fio”, filme do serviço de *streaming* Netflix.

responsável por alisar seus cabelos, foi para o primeiro salão que encontrou. Violet queria arrumar logo suas madeixas, pois achava que seria pedida em casamento por um príncipe idealizado desde cedo por ela e sua mãe, mas o inesperado aconteceu no salão:



Fonte: Compilação da autora⁶

O cabelo dela foi totalmente danificado pelo produto, mas a protagonista conseguiu colocar uma peruca e estar perfeita para ser pedida em casamento. Entretanto, mais uma vez as coisas não saíram como ela planejou, seu namorado Clint não a pediu em casamento, ele deu para ela um cachorro de estimação e não o anel de noivado. A partir deste acontecimento, a vida de Violet mudou completamente, ela terminou com seu namorado e não conseguiu produzir como antes na empresa em que trabalhava. Nesse percurso, ela mudou de cabelo mais uma vez para tentar se reerguer, mas foi uma tentativa frustrada e em um momento de não lucidez, cometeu um ato do qual se arrependeu, somente quando acordou pode entender o que tinha feito:



Fonte: Compilação da autora⁷

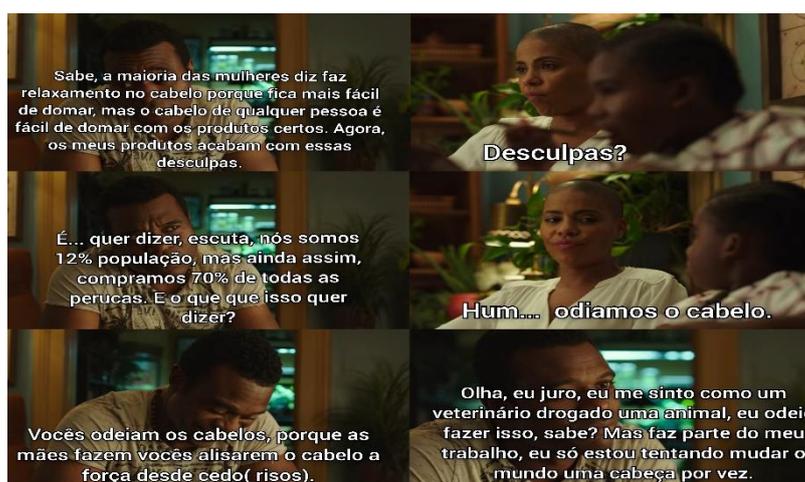
Mas mesmo não planejado, esse ato é o começo de uma mudança radical na vida da protagonista, ela começa a frequentar um grupo de apoio e entra em contato com Will, o homem que lhe atendeu no salão quando tinham molhado seus cabelos na rua. Ele era um

⁶ Montagem a partir de capturas de tela de *Felicidade por um fio*, filme do serviço de *streaming* Netflix.

⁷ Montagem a partir de capturas de tela de *Felicidade por um fio*, filme do serviço de *streaming* Netflix.

homem negro que aceitava suas raízes e particularidades biológicas. Will mesmo tendo um salão de beleza que muitas mulheres buscavam para alisarem seus crespos, inspirava muitas mulheres a aceitarem seus cabelos em sua forma natural.

A aproximação entre os dois aconteceu através de Zoe, a filha do cabelereiro, elas cultivaram uma amizade depois que Violet terminou o namoro. O cabelereiro tenta mudar o pensamento que a protagonista tem sobre o seu cabelo crespo e é por meio da insistência dele que Violet começou a ressignificar seu cabelo e até construir sua identidade através de seu crespo:



Fonte: Compilação da autora⁸.

Esse processo de mudança aconteceu de forma lenta em Violet, mas os encontros com o cabelereiro lhe fazem começar se olhar de forma diferente, agora ela conseguia se achar bonita sem seguir todos os rótulos que sua mãe lhe impusera. Nesta perspectiva, Gomes (2002) dissera que o processo de aceitação negra é conflituoso, e muitas vezes a pessoa não consegue se desprender totalmente dos estereótipos e questões que colocam a pessoa negra como feia e lhe obrigam a seguir um padrão. No caso de Violet, ela mesma saindo com Will, preferiu voltar com seu ex-namorado, que lhe pediu em noivado e pediu para não alisar o cabelo no dia do noivado.

O discurso de Clint causou um estranhamento em Violet, mas ela preferiu mais uma vez se branquear para ficar perfeita. Esse momento de rejeição e esquecimento do que vinha construindo dura até o dia do noivado, em que Violet olhou para si e viu que mais uma vez tinha sido doutrinada por todos os padrões de beleza que afirmam a estética branca como

⁸ Montagem a partir de capturas de tela de “Felicidade por um fio”, filme do serviço de *streaming* Netflix.

ideal. Ela percebeu que não é isso que queria e realizou um desejo por muito tempo reprimido, pular na piscina:



Fonte: compilação da autora⁹

Depois dessa atitude, Violet se despreendeu totalmente de Clint e assumiu suas raízes negras, ela mudou a visão que tinha de si e começou valorizar sua negritude. Assumiu seu cabelo crespo, não vivia mais presa a comportamentos que lhe reprimiam e ainda começou a trabalhar na venda de produtos que realçavam o cabelo crespo juntamente com Will, o cabelereiro responsável pela resignificação do seu cabelo e, por conseguinte, da sua identidade como mulher negra.

Agora, Violet era uma mulher negra, empoderada e que não permitia mais ser doutrinação por outros e mesmo se aproximando de Will, ela entendeu que para ser feliz, não precisa de um príncipe encantado, ela na verdade, precisa se amar e se aceitar do jeito que é. Levando em consideração tudo até aqui exposto, podemos aproximar as protagonistas das duas histórias, Socorro e Violet. As duas se encontram em artes diferentes, mas pelo viés da literatura comparada, como coloca Nitrini (2010), podem ser aproximadas e comparadas. No decorrer da análise foi notado uma íntima relação entre as duas, elas são mulheres negras que foram criadas para negarem suas raízes, as duas foram ensinadas a brincarem de bonecas *barbie*, já que eram brancas e tinham as características que toda mulher negra era instruída a se espelhar para ser aceita socialmente.

Violet devido aos ensinamentos da mãe e Socorro (protagonista do conto), provavelmente, negavam suas características biológicas buscando meios para esconder a

⁹ Montagem a partir de capturas de tela de “Felicidade por um fio”, filme do serviço de *streaming* Netflix.

negritude e enaltecer o que não era delas, além de sonharem em ter, a estética branca, o cabelo liso, a pele clara, o nariz afilado. Para isso, passavam horas alisando o cabelo para não parecer crespo, pois cabelo crespo não era o cabelo de uma mulher bonita.

Socorro tem, inicialmente, o desejo de conseguir um marido branco para que suas características negras fiquem cada vez mais escondidas, Violet também tem o desejo de se casar com um homem que seja um príncipe, mas não precisava ser necessariamente um homem branco. A questão é que tanto uma quanto a outra destinavam seus tempos à procura de um homem perfeito, partindo da premissa de que só seriam felizes se estivessem um homem branco do lado. Para Violet, esse desejo de se casar com um homem perfeito foi sempre rememorado pela mãe; para Socorro, o texto não apresenta quem é responsável por esse desejo tão aflorado na protagonista.

Nas duas histórias os dilemas negativos, historicamente, criados para o cabelo crespo, circundam todos os conflitos. No conto, Socorro enfatiza que se arrumar bem o “bombril”, ninguém vai reparar que ela é negra e tem cabelo crespo. No filme, Violet entendia desde cedo que seu cabelo natural devia ser escondido para dar lugar ao cabelo liso. Suas atitudes deviam ser sempre pensadas em não estragar o cabelo, por isso não podia se divertir com outras crianças para não correr o risco de bagunçar seu cabelo.

Elas viviam no conflito de negação do cabelo crespo, por isso, a forma como cortam seus fios, gerou uma certa quebra do horizonte de expectativa das narrativas. Socorro, num momento de transe tirou uma tesoura de dentro da bolsa e começou cortar o cabelo, Violet, num momento de falta de lucidez, pegou uma máquina de barbear que estava na pia de seu banheiro e começou a raspar sua cabeça. A atitude das duas protagonistas aconteceu sem aviso prévio, elas não haviam demonstrado em nenhum momento que queriam se desfazer de seus cabelos, pelo contrário, tinha todo cuidado com suas madeixas. No entanto, esse ato impensado realizado pelas duas ocasionou uma virada de chave em suas vidas e a partir disso, Socorro conseguiu se desprender de todos os conceitos racistas que cultivava em sua vida, aceitando suas origens negras e decidindo tentar um relacionamento com um negro, fato que até então era impensado.

Violet começou a se relacionar com outra pessoa que lhe fez valorizar seu crespo, mudou seu estilo de trabalho e começou a ter um novo olhar sobre si. Para ela esse processo de aceitação teve altos e baixos, mas Violet, mesmo com as dificuldades, também conseguiu se desprender dos padrões estéticos de beleza branca. Tudo isso fez com que as duas personagens se reconstruíssem, elas baseavam a construção de suas identidades através de

mulheres brancas, mas começam a ressignificar sua negritude e suas identidades começam a ser construídas através de suas características. Socorro e Violet não permitiam mais serem doutrinadas por padrões de beleza que lhes colocavam como esquisitas e inferiores apenas por serem negras. Sendo assim, considera-se que ambas, embora tenham sido deixadas serem guiadas pela ideia de que o embranquecimento lhes traria a felicidade, acabam por se reconectar com a sua negritude a partir da transição capilar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão sobre os temas abordados na análise e logo em seguida, na conclusão desta, apenas pôde ser realizada através da comparação de duas artes (literatura e cinema), assim, a literatura comparada, enquanto teoria, foi essencial para a execução deste trabalho. Essa aproximação de obras artísticas cumpriu o ideal para o qual o artigo se destinava, ser apresentado no término de disciplina contemplando o objeto de estudo da mesma – o diálogo entre a literatura e as outras artes – e, desta escolheu-se o cinema por percebermos que o filme trazia fato similar ao expresso no conto de Cristiane Sobral.

As personagens Socorro e Violet representam muitas mulheres negras que crescem escutando que seus corpos são inferiores apenas por serem negros e que suas características biológicas devem ser escondidas para que possam se basear no ideal de beleza branca. Nesse sentido, a negação de si não é uma opção, ela é internalizada na mulher negra desde criança. Violet, por exemplo, tem uma mãe que lhe ensina que deve alisar seu cabelo para ser bonita e aceita socialmente, caso contrário, estaria fora do padrão, do ideal. Socorro também representa a mulher negra que sofre com as predefinições de beleza e que para amenizar as opressões racistas acaba aceitando e defendendo a violência que acompanha o racismo. Mas, elas também representam muitas mulheres que, mesmo passando por um processo conflituoso de aceitação, conseguem se desprender de todas as opressões raciais que lhes doutrinam e pré-estabelecem seus comportamentos.

A chuva que molha o cabelo de Socorro e os produtos que fazem cair os fios de Violet são vistos aqui como um processo que os leva a um retorno às raízes, a um novo nascimento, não apenas dos fios capilares, todavia, das identidades das protagonistas, um novo reconhecer da sua negritude e que ali também encontrariam a felicidade. Ambas as obras se situam sob o ponto de vista da mulher negra, gerando assim uma fácil comunicação entre

autor/produtor e público, além de incorporar outros elementos como a linguagem (DUARTE, 2008), os quais vão contra a reprodução de estereótipos que banalizam o corpo e, por conseguinte, o cabelo da mulher negra.

Também deve ser considerado que as obras analisadas neste estudo dão conta de que a reprodução do estereótipo da fealdade do cabelo crespo é legitimada desde cedo até mesmo no interior das famílias negras, geralmente, pela imposição das mães e no cuidado que essas têm com o cabelo das filhas ainda que a mãe de Socorro não apareça no conto. Nesta perspectiva, é fundamental que se crie um espaço de debate no qual se possa ressignificar os discursos deslegitimadores do cabelo crespo como forma de resistência a um discurso hegemônico e eurocentrado que manteve por muito tempo a crença de que a capilaridade da mulher negra é feia, ruim. Portanto, a literatura comparada a partir do contato com as outras artes auxiliam para a construção das discussões e pode ser um caminho para que os docentes possam repensar suas práticas e buscar novos caminhos para as poéticas do contemporâneo e os caminhos interculturais.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, A. *Literatura comparada*. São Paulo: Companhia. das Letras, 1996.

CARVALHAL, T. F. *Literatura comparada*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

CURADO, M. E. Literatura e Cinema: adaptação, diálogo, correspondência ou transformação? *Revista Temporis [ação]*, v. 9. n. 1, 2008. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/article/view/5990>. Acesso em: 08, jun. de 2021.

CROCE, B. A literatura comparada. In: COUTINHO, E. F.; CARVALHAL, T. F. (Org.) *Literatura comparada: textos fundadores*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

FÉLIX, Sayara de Brito. Cabelo bom. Cabelo ruim: construção da identidade afrodescendente na sala de aula. *Revista África e Africanidades* – ano 3 - n. 11, novembro, 2010. Disponível em: https://africaeaficanidades.net/documentos/01112010_25.pdf. Acesso em: 04, jun. de 2021.

GOMES, N. L. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022003000100012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 jun. 2021.

GOMES, N. L. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 21, p. 40-51, Dez. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000300004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 jun. 2021.

GUYARD, M. F. Objeto e método da literatura comparada. In: COUTINHO, E. F.; CARVALHAL, T. F. (Org.) *Literatura comparada: textos fundadores*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

JUNIOR, N. C. P. Estudos Interartes: uma introdução. *Raido*, v. 3, n. 5, 2009. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/161/224>. Acesso em: 05 jun. 2021.

MOREIRA, A. *Racismo recreativo*. São Paulo: Pólen, 2019.

NITRINI, S. *Literatura comparada: História, Teoria e Crítica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

PINTO, M. C. C.; FERREIRA, R. F. Relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra. *Pesquisa de práticas psicossociais* [online]. 2014, vol.9, n.2 [citado 2021-06-10], pp. 257-266. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082014000200011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 02, jun. 2021.

SOTTA, C. P. *Das letras às telas: a tradução intersemiótica de ensaio sobre a cegueira* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, 249 p. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em 10 jun. 2021.

TEXTE, Joseph. Estudos de literatura comparada no estrangeiro e na França. In: COUTINHO, Eduardo F.; CARVALHAL, Tânia Franco (Org.) *Literatura comparada: textos fundadores*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

Recebido em 30 de março de 2022.

Aprovado em 02 de junho de 2022

